

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A CAPELA VERMELHA DE HATSHEPSUT E O TEMPLO DE SPEOS ARTEMIDOS NO ANTIGO EGITO

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE RED CHAPEL OF HATSHEPSUT AND THE TEMPLE OF SPEOS ARTEMIDOS IN ANCIENT EGYPT

Alanna Vanessa Mendes Moreira²

Renata Cristina de Sousa Nascimento³

Artigo recebido em 29 de julho de 2025

Artigo aceito em 12 de junho de 2025

Resumo: O artigo analisa o discurso político e religioso presente em dois monumentos de Hatshepsut: a Capela Vermelha, em Karnak, e o Templo de Speos Artemidos, no Médio Egito. Apesar das diferenças, ambos reforçam sua legitimidade e papel como restauradora da ordem divina. Esses discursos constroem uma memória de governo pautada em força e conexão com os deuses.

Palavras-chave: Egito, Monumentos, Hatshepsut, Legitimação.

Abstract: The article analyzes the political and religious discourse present in two monuments of Hatshepsut: the Red Chapel in Karnak and the Temple of Speos Artemidos in Middle Egypt. Despite their differences, both reinforce her legitimacy and role as the restorer of divine order. These discourses construct a memory of her reign based on strength and connection with the gods.

Keywords: Egypt, Monuments, Hatshepsut, Legitimation.

Introdução

No Antigo Egito, a arquitetura religiosa era frequentemente utilizada como um meio de propagar uma narrativa política, afim de transmitir um discurso voltado para a legitimização e a manutenção do poder exercido pelo faraó. Assim, como garante Assman (1989, p. 56), a religião e a política compunham dois conceitos indissociáveis, ao qual integravam uma unidade teopolítica. Desta forma, um monumento religioso

² Graduanda do Curso de História pela Universidade Estadual de Goiás. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1393-2671> E-mail: mendessoniam1234@gmail.com Orientadora: Renata Cristina de Sousa Nascimento.

³ Orientadora do trabalho. Email: renatacristinanasc@gmail.com

podia desempenhar inúmeras funções que iam além do âmbito divino e adentrava nas questões de governo do império.

Um exemplo notável de tal cenário pode-se encontrar no reinado da faraó Hatshepsut, governante do Novo Império (1539-525 a.C.), cujo seu governo foi marcado por uma série de construções religiosas, das quais todas carregavam em si narrativas de legitimação em torno do seu poder exercido como faraó. Assim, ela utilizava-se destes monumentos para transmitir um discurso que a conectava com as divindades, em especial com o deus Amon, e ao ligar-se a estas figuras, garantia que seu governo fosse aceito.

Devemos ter em mente que esses textos não eram acessíveis a um grande número de pessoas: destinavam-se à posteridade e, sobretudo, aos deuses, que supostamente enxergam profundamente as consciências. Não se pode mentir para uma divindade e, portanto, podemos considerar como verdade as inúmeras alegações sobre a veracidade de Hatshepsut, esculpidas nas paredes de templos, capelas de casca de árvore e obeliscos (Gabolde, 2014, p. 33, tradução própria⁴).

Entretanto qual seria a história de Hatshepsut e o que motivou suas narrativas em torno do deus Amon? Sua vida foi marcada por uma ascensão gradual ao poder. Nascida como filha do faraó Tutmés I e Ahmose, sua Grande Esposa, ela casou-se com seu meio irmão, e sucessor ao trono egípcio, Tutmés II. Segundo Shaw: "Hatshepsut, irmã de criação de Tutmés, atuou como sua "Grande Esposa Real" e também como "Esposa do Deus Amon". Tal situação lhe possibilitou uma aproximação maior do deus Amon e de seu clero" (2000, p. 488, tradução própria⁵).

Todavia esta união não gerou nenhum herdeiro masculino, apenas uma menina, Neferura, que não assumiu o posto de governante. Em contrapartida, o faraó teve um filho com uma esposa secundária, chamado Tutmés III, que atuaria como seu sucessor após a sua morte, porém devido a sua pouca idade fez-se necessário que Hatshepsut assumisse o posto de regente do império, como pode-se ler, segundo Grimal (1996), na tumba de Ineni (TT 81), administrador dos celeiros de Amon.

⁴ We have to keep in mind that these texts were not accessible to a great number of people: they were intended for posterity and, overall, for the gods, who are supposed to see deep into the consciences. One cannot lie to a deity, and therefore we can consider as truth the numerous claims for the veracity of Hatshepsut, carved on walls of temples, bark chapels, and obelisks (GABOLDE, 2014, p. 33).

⁵ Hatshepsut, hermanastra de Tutmosis, actuó como su «gran esposa real» y también como «esposa del dios Amón» (SHAW, 2000, p. 488).

[O rei] ascendeu ao céu e se uniu aos deuses. Seu filho ocupou seu lugar como rei das Duas Terras e foi soberano sobre o trono daquele que o havia gerado. Sua irmã, a esposa divina Hatshepsut, encarregava-se dos assuntos do país: as Duas Terras estavam sob seu governo, e a ela se pagavam os impostos (Grimal, 1996, p. 225, tradução própria⁶).

Possivelmente, Hatshepsut tentou imitar uma antiga tradição onde as mães assumiam o poder enquanto seus filhos ainda eram pequenos, porém por não ser essa figura na vida de Tutmés III, ela foi obrigada a assumir outro cargo (Roth, 2005, p. 11). O real momento de reinado de Hatshepsut ocorre a partir do ano 7 até o ano 20/21, quando, inicialmente, ela passa a representar-se sozinha como única governante egípcia. Segundo Grimal (1996, p. 225), no ano 263 ela coroou-se como faraó e adotou o título de Maatkare, que significa "Maat é o ka de Re". A partir do ano 8 de seu reinado ela passa a reintegrar Tutmés III como governante.

O apoio do deus Amon foi de suma importância para o seu reinado e a manutenção de seu poder como governante egípcia. Assim, ao utilizar-se dos benefícios trazidos por esta divindade, Hatshepsut foi capaz de garantir um governo próspero e pacífico. Para criar as bases de sua realeza divina, Hatshepsut criou um mito sobre sua teogamia - ato de nascer de uma divindade (Robins, 1996, p. 38) -, tornando-se filha legítima de Amon, e, desta forma, sua herdeira a coroa das Duas Terras.

Entre suas edificações, destacam-se a Capela Vermelha, localizada no Templo de Karnak, e o Templo de Speos Artemidos, localizada no Médio Egito. Ambos os monumentos revelam as estratégias utilizadas por Hatshepsut para afirmar sua realeza divina, restaurar a ordem e inserir-se como um faraó legítimo. Desta forma, estas construções podem conter elementos em comum, fazendo-se necessário uma análise comparativa de suas inscrições. Para tal feito será utilizado as traduções de Todd Gillen em seu artigo *The historical inscription on Queen Hatshepsut's Chapelle Rouge part 2 translation*, além da obra *Une Chapelle D´ Hatshepsut*, dos autores Pierre Lacau e Henri

⁶ [El rey] ascendió al cielo y se unió a los dioses. Su hijo ocupó su lugar como rey del Doble País y fue soberano sobre la silla de aquél que lo había engendrado. Su hermana, la esposa divina Hatshepsut, se encargaba de los asuntos del país: el Doble País estaba bajo su gobierno y a ella se le pagaba el impuesto (GRIMAL, 1996, p. 225).

Chevrier, afim de traduzir os discursos encontrados no interior da Capela Vermelha. Para o Templo de Speos Artemidos será utilizado a tradução de James Henry Breasted em sua obra *Ancient Records of Egypt: Historical Documents from the Earliest Times to the Persian Conquest*, Vol. II: The Eighteenth Dynasty.

A Capela Vermelha de Hatshepsut

Também conhecida como Chapelle Rouge, a Capela Vermelha (figuras 1 e 2) é um pequeno santuário (contendo apenas duas salas: santuário e vestíbulo) que foi edificado durante o período de corregência entre Hatshepsut e Tutmés III. Este monumento possuía a função de abrigar a barca do deus Amon durante alguns festivais religiosos de extrema importância, tais como o Festival de Opet e o Festival do Vale.

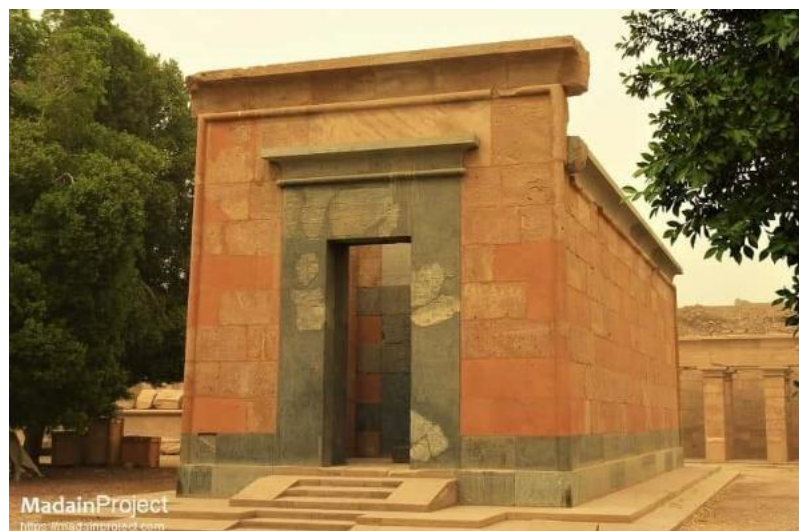


Figura 1- Exterior da Capela Vermelha. Fonte disponível em: https://madainproject.com/chapelle_rouge.

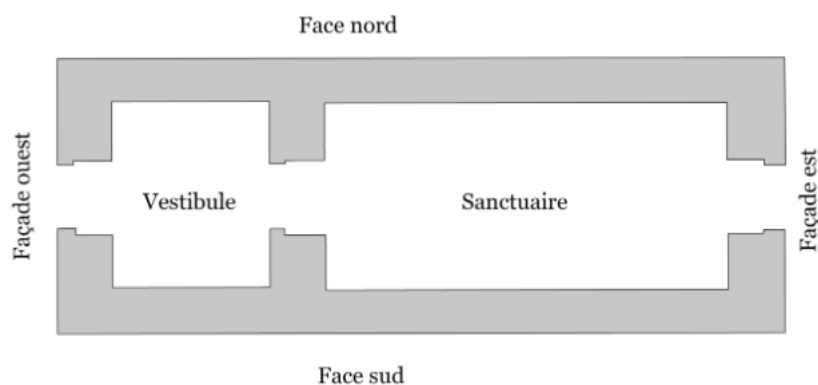


Figura 2- Atual planta da Capela Vermelha. Fonte disponível em: <http://sith.huma num.fr/karnak/1192>

Após a morte de Hatshepsut, este santuário é finalizado pelo faraó Tutmés III, que acrescentou algumas inscrições e detalhes. Entretanto, após funcionar por alguns anos, este mesmo governante irá desmontá-la (Burgos; Larché, 2020, p. 11), porém ordenou a preservação dos blocos, de modo que foram tratados com bastante cuidado, e fim de manter suas inscrições. A maior parte dos blocos sofreram avarias mínimas, o que permitiu a sua reutilização em outras construções no Templo de Karnak.

Entre os anos de 1898 e 1947 diversos blocos foram encontrados pelo egiptólogo francês George Legrain. Em 1932, todas as peças encontradas foram depositadas no Museu do Ar Livre de Karnak. Entretanto, as condições as quais ficaram expostas contribuíram para diversos danos em suas inscrições, dificultando a reconstrução do monumento, que só foi realizada em 1997. Devido a este fator, as traduções feitas, inicialmente, por Pierre Lacau e Henri Chevrier contaram com partes das inscrições contidas no Templo de Deir-el-Bahari, afim de completar as lacunas existentes nas narrativas da Capela Vermelha. Em seu interior, pode-se achar alguns discursos que legitimam o governo de Hatshepsut, colocando-a como a escolhida de Amon, além de enaltecer esta divindade.

O Templo de Speos Artemidos

Edificado totalmente em um penhasco rochoso, Speos Artemidos (figura 3), também conhecido como Istabl 'Antar, é um pequeno templo localizado próximo a Beni Hasan. Este lugar costumava ser, no Médio Império (2050 - 1710 a.C), uma fonte de calcário, porém no Novo Império sua função mudou e foi edificado um templo na rocha. Na Antiguidade os gregos fizeram uma assimilação entre a deusa egípcia Pakhet e a deusa grega Ártemis e chamaram, portanto, seu templo de Speos Artemidos, que significa Gruta de Ártemis.

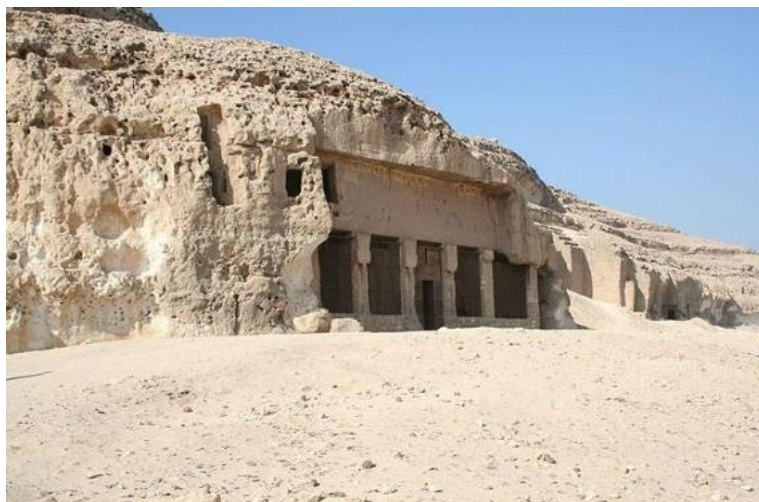


Figura 3- Fachada do Templo de Speos Artemidos. Fonte disponível em: https://archiqoo.com/locations/speos_artemidos.php

Sua construção remonta a Hatshepsut, que o ergueu em honrar a deusa Pakhet, uma vez que próximo a região existia, desde o Médio Império, um culto a esta deusa. Entretanto tal conexão entre o templo e a existência de seu culto não pode ser comprovado (Iwaszczuk, 2018). Possivelmente, neste templo o faraó Tutmés III não mandou apagar o nome de sua antecessora. Posteriormente, o faraó Set I irá restaurar e usurpar algumas inscrições, além de decorar o santuário e a passagem (Fairman; Grdseloff, 1947, p. 13). Segundo Chappaz (2014), o templo foi alterado por muitos governantes, ao longo de diversos reinados. Assim, apesar de pertencer inicialmente a Hatshepsut, suas inscrições limitam-se a um pequeno espaço (figura 4).

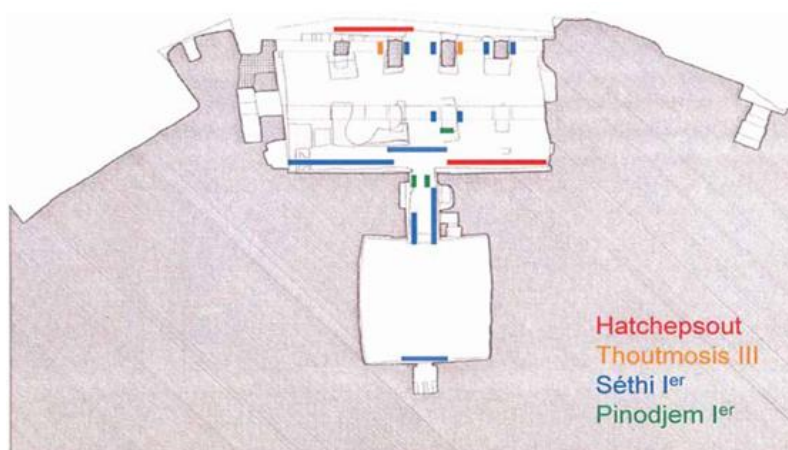


Figura 4- Representação dos textos de Speos Artemidos (Chappaz, 2014, p. 161).

O interior deste santuário consiste em duas sucintas salas: um pórtico e um santuário (figura 5) que são ligados por uma curta passagem. O piso do santuário sobe levemente, além de possuir dois degraus que vão da passagem para o santuário.

O teto do pórtico era originalmente sustentado por duas filas de quatro pilares, dos quais apenas os três mais externos da fileira que forma a fachada ainda sobrevivem, estando esses pilares inscritos em suas faces oriental e ocidental. A rocha acima dos pilares que formam a fachada foi aplainada, e a parte ocidental contém o grande texto de Hatshepsut (Fairman; Grdseloff, 1947, p. 12-13, tradução própria⁷).

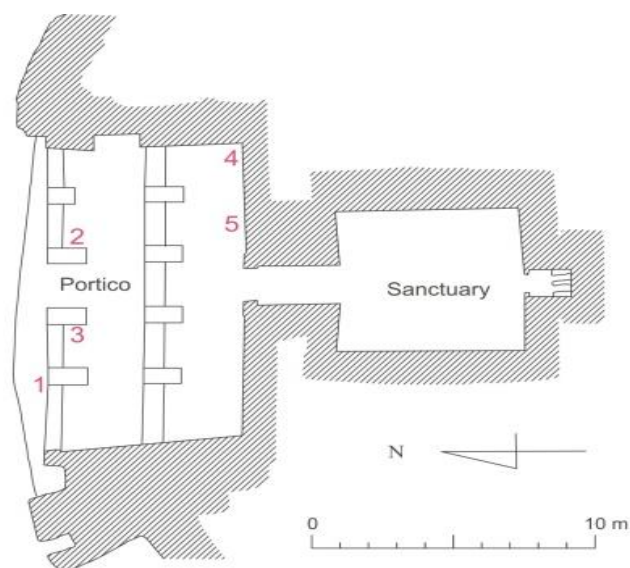


Figura 5- Planta do interior de Speos Artemidos. Fonte disponível em: <http://hatshepsut.iksiopan.pl/en/entry/speos-artemidos-c9a10d787b78>

Originalmente apenas a parede sul do pórtico foi decorada por Hatshepsut, contendo relatos sobre a restauração dos templos, menção aos hicsos, principais invasores durante o Segundo Período Intermediário (1640 - 1550 a.C.), dentre outras coisas (Breasted, 1906, p. 122). Ainda assim, suas inscrições encontram-se em um estado de deterioração devido ao tempo, o que dificulta a realização de estudos em torno deste monumento.

Assim, o Templo de Speos Artemidos se destaca não apenas por sua interessante localização, mas também por suas inscrições e narrativas, fazendo-se válida uma análise do discurso apresentado em comparação a outro pequeno

⁷ The roof of the portico was originally supported by two rows of four pillars, of which only the three easternmost of the row forming the façade still survive, these pillars being inscribed on their eastern and western faces. The rock above the pillars forming the façade has been dressed and the western portion bears the great text of Hatshepsut (FAIRMAN; GRDSELOFF, 1947, p. 12-13).

monumento também construído por Hatshepsut, na tentativa de investigar as coincidências e divergências entre ambos.

Análise das inscrições dos monumentos

Ao longo de seu reinado, Hatshepsut foi responsável por edificar diversos templos e construções religiosas, nas quais sempre colocava inscrições que conversavam entre si. Desta forma, a narrativa que se encontra em um dado monumento pode ser complementado por algum outro discurso de outra edificação. Este contexto pode ser aplicado ao comparar a Capela Vermelha com o Templo de Speos Artemidos, apesar de que ambos possuem falhas em sua conservação.

No discurso contido na Capela Vermelha, nota-se uma grande preocupação com a força exercida pela faraó. Assim, por diversas vezes, ela é descrita como uma governante capaz de proteger o Egito contra os inimigos, apta para gerar medo quando necessário, como está escrito no discurso de Amon para Hatshepsut

[...] Tu és um rei [...] que fala contra seus inimigos, cuja faca está a serviço (?) da chama, (...). (Um rei) que os países estrangeiros temem como o autor do fogo, cujo sucesso corresponde à aparência da chama, um rico em valentia à altura do céu, cujo poder se exerce contra aquele que se volta contra mim. (...) (Lacau; Chevrier, 1977, p. 109, tradução própria⁸).

Entretanto, nas narrativas deste santuário não fica muito claro quem seria esses inimigos. As inscrições citam ainda os desordeiros e aqueles que são incapazes de manter a paz, porém não fala quem são os inimigos estrangeiros dos quais os egípcios tinham que se defender. Porém, ao analisar as inscrições do Templo de Speos Artemidos, o nome dos hicsos fica evidente

Ouçam-me, todos vós, povos — tantos quantos sois! Eu fiz isso de acordo com o desígnio do meu coração. O que antes era ruína, eu restaurei; aquilo que estava inacabado, eu elevei desde que os asiáticos (*ꜥmw*) estavam no meio de Ávaris, da Terra do Norte, e os bárbaros estavam entre eles, [eu os] derrubei enquanto eles governavam na ignorância de Rá. Eles não obedeceram ao comando divino até que minha majestade (feminina) [o fizesse]. (...) (Breasted, 1906, p. 125-126, tradução própria⁹).

⁸ [...] Tu es un roi [...] qui parle contre ses ennemis, dont le couteau est au service (?) de la flamme, (...). (Un roi) que craignent les pays étrangers (?) comme l'auteur du feu, dont le succès est conforme à l'apparence de la flamme, un riche de vaillance à la hauteur du ciel, dont la puissance s'exerce contre qui se retourne contre moi. (...) (LACAU; CHEVRIER, 1977, p. 109).

⁹ Hear ye, all persons! ye people as many as ye are! I have done this according to the design of my heart. I have restored that which was ruins, I have raised up that which was unfinished since the Asiatics (*ꜥmw*) were in the midst of Avaris of the Northland, and the barbariansd were in the midst of them, overthrowing that which was made, while they ruled in ignorance of Re. He did not do according to the divine command until my majesty (fem). (...) (BREASTED, 1906, p. 125-126).

Durante os últimos anos da XIII dinastia, o Egito já contava com uma considerável população asiática, oriundos do Oriente Próximo, vivendo no Baixo Egito. Segundo Grimal (1996, p. 207) os hicsos são referenciados como os "asiáticos" por parte dos egípcios. Por volta de 1700 a.C., eles já eram considerados um povo bem organizado e estruturado. Foram responsáveis por conquistar a parte oriental do Delta, e construíram sua capital conhecida como Ávaris (Bakr, 2010, p. 55), como é identificado na inscrição acima citada.

Era a primeira vez que os egípcios se encontravam sob dominação estrangeira. A humilhação abalou o antigo sentimento de supremacia e de segurança que lhes eram inspirados pela proteção dos deuses. Iniciou-se uma guerra de libertação, conduzida pelos governantes do nomo de Tebas. Os poucos documentos que restaram dessa época dizem respeito sobretudo à guerra empreendida pelos reis do final da XVII dinastia contra os opressores asiáticos, após quase 150 anos de ocupação. Amósis finalmente conseguiu expulsar os invasores do Delta (Bakr, 2010, p. 56).

Assim, não foi a rainha quem derrubou os Hicsos, mas sim o primeiro faraó da XVIII dinastia, Amósis I. O governo de Hatshepsut é marcado por uma boa relação com povos estrangeiros, além de ter sido um momento considerado pacífico para o Egito. Entretanto, para mostrar-se uma governante forte e capaz de proteger o império, existiria algo melhor do que mostrar-se inimiga dos, até então, maiores invasores? Todavia, segundo Grimal (1996, p. 207), diferentemente do que foi propagado pelo Novo Império, a relação entre os hicsos e os egípcios era harmoniosa (com a exceção das guerras de reconquista). Enquanto dominaram o Egito, eles foram responsáveis pela construção de diversos templos e monumentos.

Desta forma, ela utiliza-se dos hicsos, bem como da história de sua dinastia, para criar uma narrativa de força e poder, de forma a coloca-la como vencedora de um grande inimigo, uma vez que o posto de faraó já trazia consigo um caráter mais guerreiro: "Este fragmento de propaganda real estava destinado a mostrar Hatshepsut representando o papel tradicional do rei como restaurador da ordem após o caos" (Shaw, 2000, p. 415, tradução própria¹⁰).

Além disso, no mesmo trecho, a rainha cita que os hicsos governaram sem dar importância ao deus Rá. Segundo Assman (1989, p. 71), existiu, durante o governo

¹⁰ Este fragmento de propaganda real estaba destinado a mostrar a Hatshepsut representando el papel tradicional del rey como restaurador del orden tras el caos (SHAW, 2018, p. 415).

dela, a ideia de um mandato divino em volta deste discurso. Assim, os governantes estrangeiros agiram contrários a ordem divina, e isso permaneceu até o seu governo, uma vez que ela volta a evocar esta divindade por meio de Amon, como podemos ver na Capela Vermelha: "Os deuses estão em teu seguimento, tu aparecendo como minha imagem (terrena) de Re" (Gillen, 2005, p. 19, tradução própria¹¹).

Porém tal situação é no mínimo curiosa, uma vez que os governantes estrangeiros na verdade não ignoraram o deus Rá, ao contrário, eles seguiram referenciando-se a essa divindade em seu título real (Grimal, 1996, p. 207). Então, quando a rainha declara que é a única segundo a vontade Rá, ela está utilizando-se de artifícios que a colocam como restauradora da ordem divina, além de si contrapor aos inimigos e utilizar da religião como um discurso de legitimação e poder.

Outro ponto muito forte no reinado de Hatshepsut, é a preocupação em construir e reformar os templos para os deuses. De fato, essa era uma função importante desempenhada pelo faraó. Era sua obrigação servir e honrar os deuses, uma vez que estes eram quem garantia a ordem, a paz e o equilíbrio no Egito, além de legitimarem o governo do rei. Desta forma, Hatshepsut tem isso como uma ordem dada pelo próprio deus Amon, como pode-se ver nas seguintes inscrições da Capela Vermelha: "Melhore as mansões dos deuses mais do que o equivalente daqueles que existiram antes (ou seja, os ancestrais)" (Gillen, 2005, p. 20, tradução própria¹²), "Eu te modelo, como quis te fazer, a fim de que faças a oferenda diante daquele que te criou, de que restaures as capelas dos deuses" (Lacau; Chevrier, 1977, p. 109, tradução própria¹³).

Todavia, apesar desta ordem dada, a capela não cita o nome de algum templo ou monumento religioso que tenha recebido a atenção de Hatshepsut, tal como a ordem que lhe foi dada. Entretanto, em *Speos Artemidos* há trechos que citam a restauração e o cuidado desempenhado pela governante em relação a morada dos deuses, como no exemplo do Templo de Cusae, um nome do Alto Egito que honrava a deusa Hathor. Este local foi importante durante o Segundo Período Intermediário,

¹¹ The gods are in your following, you appearing as my (earthly) image of Re (GILLEN, 2005, p. 19).

¹² Improve the mansions of the gods more than that equivalent of those who had been before (i.e. the ancestors) (GILLEN, 2005, p. 20).

¹³ Je te moule, toi que j'ai voulu faire, (afin) que tu fasses l'offrande en face de celui qui t'a créée, que tu restaures les chapelles de dieux (LACAU; CHEVRIER, 1977, p. 109).

pois situava-se próximo à fronteira entre o território controlado pelos hicsos (que correspondia ao Baixo Egito e parte do Médio Egito) e o reino tebano (Alto Egito).

O templo da Senhora de Cusae, que havia começado a ruir, teve seu solo engolido até seu sagrado santuário, de modo que as crianças oravam diante da casa dele; o servo nada temia; o pobre contava com [...] no abrigo; nenhuma procissão marchava. Eu o embelezava, tendo sido construído novamente, revesti sua imagem com ouro; cravei-o de prata para protegê-lo. (Breasted, 1906, p. 124, tradução própria¹⁴).

A existência do próprio templo escavado na rocha, e dedicado a deusa Pakhet, já é, por si só, um exemplo desta preocupação em cultuar e honrar as divindades: "Eu fiz seu templo com o que era devido à sua majestade dos deuses. As portas eram de madeira de acácia, adornadas com bronze. (...) o altar de oferendas foi feito com prata, e ouro, baús de linho, cada vaso que pertence ao palácio." (Breasted, 1906, p. 124, tradução própria¹⁵).

Portanto, Hatshepsut foi a primeira que se preocupou com a restauração dos templos religiosos após a destruição ocasionada pelas guerras contra os hicsos (Shaw, 2000, p. 496). Ela demonstrou uma preocupação em realizar tais feitos: "Os altares são abertos, os santuários são ampliados — o desejo de todos os deuses (...)" (Breasted, 1906, p. 123, tradução própria¹⁶).

Vale, ainda, analisar brevemente o discurso de força, poder e legitimidade que ocorre nestes dois monumentos. Na Capela Vermelha pode-se notar que em diversos momentos ocorrem discursos do deus Amon voltados para a legitimação de Hatshepsut como governante do Egito: " (...). Eu subjuguiei para você esta terra (...)" (Gillen, 2005, p. 18, tradução própria¹⁷). Devido a este fator, a governante também aparece reafirmando as falas de Amon, e aceitando o cargo que lhe foi dado: "(...). As leis que promulguei para o futuro são perfeitas; eu agarro a vitória que ele me deu; minha realeza é grande através das duas margens; eu uso a coroa branca; estou unida à coroa vermelha; meu pai se une à minha beleza (...)" (Lacau; Chevrier, 1977, p. 138,

¹⁴ The temple of the Mistress of Cusae which had begun to fall to ruin, the ground had swallowed up its august sanctuary, so that the children played upon its house; the serpent it caused no fear; the poor counted the in the covering, no processions marched. I adorned it, having been built anew, I overlaid its image with gold; in order to protect its city (BREASTED, 1906, p. 124).

¹⁵ I made her temple with that which was due to her enead of gods. The doors were of acacia wood, fitted with bronze. (...) the offering-table [was wrought] with silver, and gold, chests of linen, every vessel that abides in the place. (BREASTED, 1906, p. 124).

¹⁶ The altars are opened, the sanctuaries are enlarged - the desire of all gods (...) (BREASTED, 1906, p. 123).

¹⁷ (...). I subdued for you this land (...) (GILLEN, 2005, p. 18).

tradução própria¹⁸). Este discurso também aparece no Templo de Speos Artemidos, onde a rainha novamente reforça seu poder, de modo a manter o discurso utilizado

Eu tornei verdadeiro o que ele amava, eu sei que ele vive pela verdade; é pela verdade que eu respiro, eu me alimento de seu brilho. Eu sou uma imagem semelhante aos seus membros, um com ele. Ele me gerou, para que eu fosse forte em sua luz nesta terra. (...). As terras estão unidas sob minha autoridade, o Negro e o Vermelho estão sob minha autoridade. Meu nome faz com que os grandes se curvem, enquanto o *uraeus* (serpente real) sobre minha testa [faz isso] com todos os países. (...) (Breasted, 1906, p. 123, tradução própria¹⁹).

Por último, além de Amon, Hatshepsut também se apoia em outras divindades para aumentar e ampliar sua rede de apoio simbólico dentro do panteão egípcio, tais como Hórus e Maat, importantes deuses dos quais todo faraó estava conectado, uma vez que sua imagem era associada ao do deus falcão, além de ser sua função manter o equilíbrio e a ordem, expressas por Maat.

(...). Fui criado como um Hórus de braços fortes, (...). Eu testemunho em [...] aquele que cruza o céu é aquele que se importa com os habitantes da terra. Aquele que julga como alguém que não se inclina para um lado é aquele que instala Maat e aquilo sobre o qual me alegro. Ela (Maat) é a frente de sua barca. (...) (Gillen, 2005, p. 22, tradução própria²⁰).

Desta forma, por diversas vezes, pode-se ver inscrições que mostram Hatshepsut próxima de diversas divindades. Assim, a rainha constrói uma imagem de um governante que age em harmonia com todos os deuses, de modo que todos se agradam dela e apoiam o seu governo. Essas estratégias além de legitimar o seu governo diante dos deuses e dos homens, também eternizam sua memória como um faraó ligado a ordem, a prosperidade e as divindades (figuras 6 e 7).

¹⁸ (...). Les lois que j'ai promulguées pour l'avenir sont parfaites, que je saisis la victoire qu'il m'a donnée, que ma royauté est grande à travers les deux rives, que j'arbore la couronne blanche, que je m'unis à la couronne rouge, que mon père s'unit avec ma beauté (...) (LACAU; CHEVRIER, 1977, p. 138).

¹⁹ I have made bright the truth which he loved, know that he liveth by it (the truth); e it is my bread, I eat of its brightness: I am a likeness from [his] limbs, one with him. He hath begotten me, to make strong his might in this land. (...). The lands together are under my authority, the Black and the Red are under my authority. My fame makes the great ones of the countries to bow down, while the uraeus upon my forehead a all lands. (...) (BREASTED, 1906, p. 123).

²⁰ (...). I was brought up as a strong-armed Horus, (...). I witness in [...] the one who crosses the sky is one who cares for the inhabitants of the land. One who judges like one who does not incline to one side is one who installs Maat and that about which I rejoice. She (Maat) is the front of his barque. (...) (GILLEN, 2005, p. 22).



Figura 6- Inscrição presente na Capela Vermelha. Hatshepsut, na presença de Hathor, recebe a coroa de Amon. Bloco 141 (Burgos; Larché, 2020, p. 125).

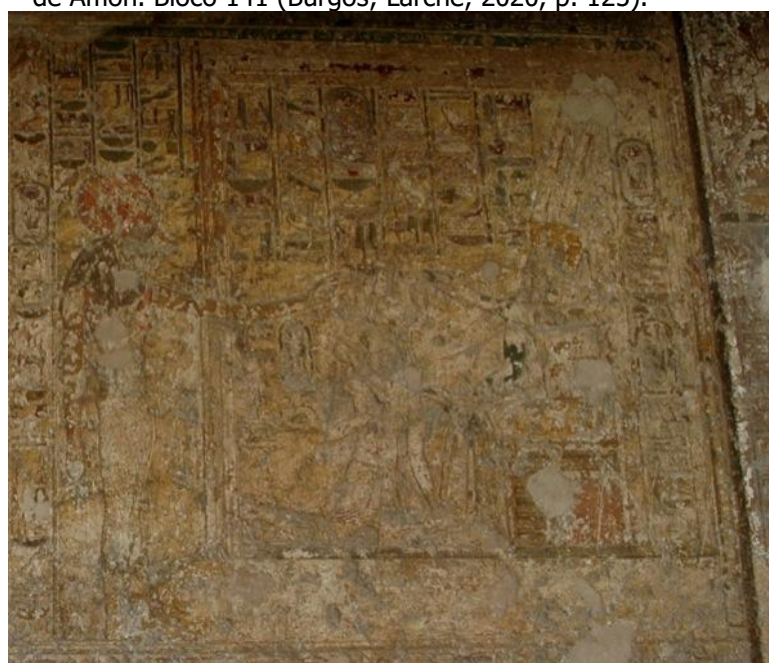


Figura 7- Inscrição presente do Templo de Speos Artemidos. Hatshepsut (sua imagem foi usurpada pelo faraó Set I) ajoelhada diante de Amon na presença da deusa Pakhet, que estende a mão sobre ela. Fonte disponível em: https://www.khekeru.ch/j_khekeru/index.php/medio-egitto/131-speos-artemidos

Conclusão

Assim, com base em todos os dados analisados, é possível perceber como Hatshepsut utilizou da religião como forma de construir uma narrativa política de legitimação de seu poder. Em ambos os monumentos, observa-se um forte discurso que tenta transmitir uma imagem da faraó como forte e mantenedora da ordem cósmica.

Na Capela Vermelha, destaca-se a exaltação do papel divino de Hatshepsut, reforçando sua proximidade com Amon e consolidando seu direito ao trono egípcio. Já em Speos Artemidos, existe uma narrativa em torno da governante como restauradora da ordem após o caos causado pela ocupação hicsa, mesmo que esse feito não tenha ocorrido da mesma forma que ela transmite.

Ainda pode-se notar como ela foi capaz de adaptar seus discursos conforme o contexto de cada monumento, mas sempre com o intuito de consolidar sua imagem como governante legítima, poderosa e conectada com os deuses. Ao utilizar-se da religião e do contexto histórico vivenciado pelo Egito, Hatshepsut criou uma imagem duradoura de seu reinado.

Bibliografia Geral

ASSMANN, Jan. **State and Religion in the New Kingdom**. In: SIMPSON, William Kelly (org). Religion and Philosophy in Ancient Egypt. New Haven: Yale University Press, 1989.

BAKR, A. Abu. **O Egito faraônico**. In: MOKHTAR, Gamal (ed). História geral da África II, África antiga. Brasília: UNESCO, 2010.

BURGOS, Franck; LARCHÉ, François. **La Chapelle Rouge: Le Sanctuaire de la barque d'Hatshepsout, volume 2 textes**. Editora Soleb, 2020.

CHAPPAZ, Jean-Luc. **Remarques sur l'architecture du Spéos Artémidos**. In: GALÁN, José M.; BRYAN, Betsy M.; DORMAN, Peter F. (org). Creativity and innovation in the reign of Hatshepsut. University of Chicago, 2014.

FAIRMAN, H. W.; GRDSELOFF, Bernhard. **Texts of Hatshepsut and Sethos I inside Speos Artemidos**. The Journal of Egyptian Archaeology, London, v. 33, p. 12–33, dez. 1947.

GABOLDE, Luc. **Hatshepsut at Karnak: A Woman under God's Commands**. In: GALÁN, José M.; BRYAN, Betsy M.; DORMAN, Peter F. (org). Creativity and innovation in the reign of Hatshepsut. University of Chicago, 2014.

GRIMAL, Nicolás. **Historia del Antiguo Egipto**. Tradução Blanca García Fernández-Albalat e Pedro López Barja de Quiroga. Editora Akal S.A., 1996.

IWASZCZUK, Jadwiga. **Speos Artemidos**. Disponível em: <https://hatshepsut.iksiopan.pl/en/entry/speos-artemidos-c9a10d787b78>. Acesso em: 5. jul. 2025.

ROBINS, Gay. **Las mujeres en el Antiguo Egipto**. Tradução de Marco V. García Quíntela. Madrid: Ediciones Akal, 1996.

ROTH, Ann Macy. **Models of authority Hatshepsut's Predecessors in Power**. In: ROEHRIG, Catharine H.; DREYFUS, Renée; KELLER, Cathleen A. (ed). Hatshepsut: From Queen to Pharaoh. New York, The Metropolitan Museum of Art, 2005.

Documentos Escritos

BREASTED, James Henry. Ancient Records of Egypt: Historical Documents from the Earliest Times to the Persian Conquest. Vol. II: The Eighteenth Dynasty. Chicago: The University of Chicago Press, 1906.

BURGOS, Franck; LARCHÉ, François. **La Chapelle Rouge: Le Sanctuaire de la barque d'Hatshepsout, volume 1 fac-similés et photographies des scènes**. Editora Soleb, 2020.

GILLEN, Todd J. **The Historical Inscription on Queen Hatshepsut's Chapelle Rouge: Part 2: Translation**. In: BINDER, Susanne (editor). The Bulletin Of The Australian Centre For Egyptology. Macquarie University, Sydney, 2005.

LACAU, Pierre; CHEVRIER, Henri. **Une Chapelle d'Hatshepsout à Karnak**. Serviço de Antiguidades do Egito e Instituto Francês de Arqueologia Oriental do Cairo. Livro I, 1977.